

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 15, QUI VOLTAIRE

Dirigir todos os ped. das de assignaturas e outras
contas : em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua
da Atalaya, LISBOA; e no Brazil, ao sr. JOSÉ DE
MELO, 38, rua da Quitanda, RIO DE JANEIRO.
Preço de numero a Paris, 1 folio.

7.º ANNO. — VOLUME VII. — Nº. 5

PARIS, 5 DE MARÇO DE 1890

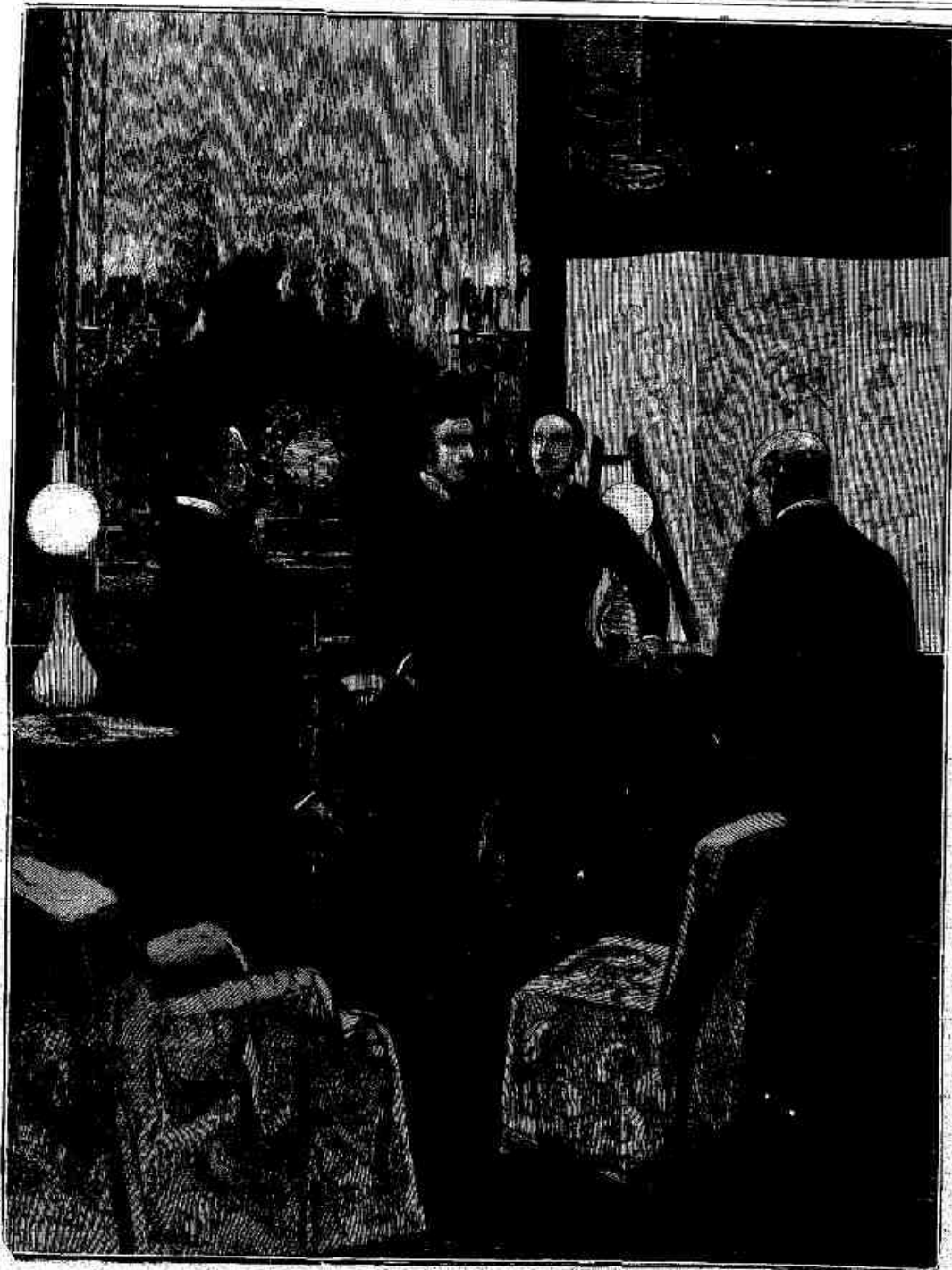
Garante em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS

ANNU.....	2,400 REIS
SEMPER.....	1,200 —
TRIMESTRE.....	400 —
AVULSO.....	100 —



PARIS. — A PRISÃO DO DUQUE D'ORLÉANS, IRMÃO DE S. M. A RAINHA DE PORTUGAL.

O nosso director Mariano Pina, achando-se em viagem em Portugal, não pôde mandar-nos a tempo de passar a este numero a sua Chronica. Publica-a'hemos no proximo numero da illustração.

A BRETÁ

UMA tarde de novembro, vespereira de Santa Catharina, a grande porta de ferro da prisão central de Auberin abriu-se e deixou passar uma mulher de trinta annos de idade, trajando um vestido de lá desbotado, e tendo na cabeça uma touca que lhe emoldurava singularmente o rosto pallido, e d'essa gordura descorada que o regimen das prisões desenvolve.

Era uma sentenciada que acabava de cumprir a pena que lhe fôra imposta. As companheiras de detenção chamavam-na a Bretá. Condenada por infanticidio, havia exactamente seis annos que um cargo celular a trouxera á prisão central.

Depois de ter tomado a sua trouxa voltava a achar-se finalmente livre, com a sua guia rubricada para Langres.

O canto de Langres tinha partido. Intimidada dirigiu-se, tropeçando, para a estalagem principal do lugar, e, com voz pouco firme, pediu pouxada por essa noite.

A estalagem estava cheia e a dona que não tinha vontade de hospedar gente d'aquella laia, aconselhou-a a que fosse até á taberna situada na outra extremidade da aldeia.

A bretá ainda amedrontada, lá foi bater á porta d'essa taberna, que não era na realidade senão uma venda para os carroceiros.

O taberneiro olhou-a com desconfiança, farejando sem duvida uma mulher da central, e afinal mandou-a embora, pretextando que não albergava ninguém.

A bretá não se atreveu a insistir; affastou-se de cabeça baixa, mas no intimo do seu se creava-se um odio contra essa gente que a reppelia.

Não tinha outro recurso senão ir a Langres a pé. Em fins de novembro anoitece depressa: ella achou-se em breve tempo rodeada de sombra, no caminho escuro que corria entre duas extremidades da mata, e onde o vento norte soprava com força acoustando as folhas mortas.

Depois de seis annos de vida sedentaria e reclusa, não sabia já andar; as articulações dos joelhos estavam como que presas; os pés acoustados nos tamancos achavam-se incommodados dentro dos sapatos novos.

Ao cabo de uma legua sentiu-se cansada. Sentou-se sobre umas pedras tirando, e perguntando a si mesma se ia morrer de frio e fome, n'aquella noite de trevas.

De repente, na solidão da estrada, através das rajadas de vento, pareceu-lhe ouvir os sons arrastados d'uma voz que cantava. Prestou ouvidos e distinguio a cadencia de uma d'essas canções monotonas com que se adormecem as crianças. □

Então, erguendo-se, caminhou na direcção d'aquella voz, e, na volta de um caminho transversal, viu uma luz brilhar entre as arvores.

Cinco minutos depois, chegava a um casebre cuja unica janella deixava passar um raio luminoso. Com o coração ancioso decidiu-se a ir bater.

A canção interrompeu e uma camponesa veio abrir; — uma mulher da mesma idade da bretá, mas já envelhecida pelo trabalho.

A sua jugeta redonda em alguns logares, deixava ver a pelle tostada e aspera; os cabellos ruivos saíam em desordem de sob uma touca ordinária.

— Boa noite, disse a camponesa, levantando uma candieira. O que deseja?

— Não posso mais de cansada, murmurou a bretá com voz soluçante. A cidade está longe d'aqui, e se quizesse dar-me pouxada por esta noite, prestar-me-hia um grande serviço... Tenho dinheiro e recompenso-a-lhe do seu favor.

— Entri! respondeu a outra, apoz um momento de hesitação.

Depois continuou com tom mais curioso do que desconfiado.

— Porque razão não ficou em Auberin?

— Não quizeram albergar-me...

E, baixando os olhos azues, abretá, por escrúpulo, acrescentou:

— Porque, é preciso que saiba, sahi da prisão central, e isto não inspira confiança a ninguém.

— Ah!... Então, apesar d'isso... Nada receio, pois nunca tive senão miséria... É uma barbaridade deixar uma pessoa na rua com um frio d'esses... Vou fazer-lhe uma cama com um punhado de urzes...

Foi buscar debaixo de um telheiro, urzes secas, e estendeu-as a um canto, perto do fogão.

— Móra sósinha aqui? perguntou timidamente a bretá.

— Móra com a minha filha que já anda pelas seus sete annos... Ganho a vida trabalhando na mata.

— O seu marido morreu?...

— Nunca tive marido, disse a mulher arrebatadamente, e a pobre pequena não conhece o pai... Então, cada qual tem as suas desgraças... A sua camé está pronta, e aqui estão duas ou tres batatas que sobearam da ceia. É tudo quanto posso offerecer-lhe.

Foi interrompida por uma voz infantil que vinha de uma alameda escura, separada do quarto por um tabique de madeira.

— Boa noite! acrescentou, vou ter com a pequena que está chorando... Veja se consegue dormir.

Pegou no candieiro e entrou para o quarto contiguo, deixando a bretá na escuridão.

A bretá deitou-se sobre as urzes. Depois de ter corrido, procurou adormecer, mas o somno não vinha. □

Através do tabique, ouvia a mulher conversando a voz com a criança, a quem a chegada da estranha acordara. A mãe embalsava-a com palavras meigas, cuja expressão ingenua commovia de modo singular a bretá.

Essa explosão de ternura desesperava um instinto materno confuso, pccultuado pelo d'aqueella rapariga condemnada outra vez por ter asphyxiado o filho recém-nascido.

A bretá pensava que se as cousas não tivessem corrido mal, o seu filhinho contava á idade d'aquella menina.

Com este pensamento e ao ouvir os sons d'aquella voz infantil, estremecia. Alguma cousa doce dissolvia-se-lhe no coração, e ella sentia vontade de chorar.

— Vamos, dizia a mãe, dorma já. Se for bem comportada, levá-la-hei amanhã á feira de Santa Catharina.

— A Santa Catharina, é a festa das meninas, não é, mamã?...

— É.

— É verdade que n'esse dia Santa Catharina traz brinquedos para as crianças?

— É... ás vezes.

— Porque é que ella nunca os traz á nossa casa?

— Moramos muito longe... e domais somos muito pobres.

— Então ella só leva brinquedos aos ricos?... Porque?... Eu tambem gostaria de ter brinquedos.

— Pois um dia... se for bem comportada... se dormir depressa, talvez que ella lhe dê algum. □

— Então vou dormir!!! para que ella traga amanhã muitos bonecos, sim?

Silêncio. Depois uma respiração igual e ligeira. A criança tinha adormecido, a mãe tambem. Só a bretá não dormia. Uma emoção ao mesmo tempo pungente e doce apertava-lhe o coração, e ella pensava mais do que nunca n'aquella criança que estranegara. Durou isto até aos primeiras clarões do dia.

Ao amanhecer, a mãe e a filha dormiam profundamente. A bretá sahio furtivamente, e caminhando depressa na direcção de Auberin, não parou senão ao chegar ás primeiras casas.

Alli subiu lentamente a praça principal, olhando para as taboetas das lojas. Afinal, uma d'ellas pareceu fixar-lhe a attenção. Bateu á porta e mandou abrir. Era uma loja de mercaderia, contendo tambem brinquedos de crianças, pobres brinquedos já velhos: bonecas de papallo, arcas de Noé, curruco.

Com grande espanto da dona da mercaderia, a bretá comprou tudo, pagou e sahio.

Tornava a tomar o caminho da habitação onde pernoitava, quando uma mão a agarrou no hombro. Voltou-se e estremeceu ao ver-se em frente de um soldado.

A desgraçada tinha-se esquecido que era prohibido ás antigas detidas permanecer nas proximidades da prisão central!...

Em vez de vagabundear por aqui, já devia estar em Langres, disse severamente o soldado. Vamos a caminho!...

Quiz explicar-se. Foi inutil!... Não abriu o fecho d'olhos pediu-se uma carraga, e mandou-se que subisse para ella, com o soldado.

A carraga rodava aos solavancos. A pobre bretá apertava com ar de tristeza o seu embrulho de brinquedos entre os dedos tolhidos de frio.

A uma volta da estrada, reconheceu o atalho que se perdia na mata; o coração palpitou-lhe fortemente, e ella suppliou ao soldado que mandasse parar. Tinha uma commissão para uma mulher que morava alli a dois passos. Supplicava com tanta instancia, que o soldado, bom homem no fundo, deixou-se vencer. Amarrrou-se o cavallo a uma arvore e subiu-se o atalho.

Diante da porta, a mulher rachava lenha. Ao tornar a ver a sua visitante em companhia de um soldado, ficou de bocca aberta e com os braços cahidos.

— Calada! disse a bretá. A pequena ainda dorme?

— Ainda... mas...

— Colloque-lhe devagarinho estes brinquedos na cama, e diga-lhe que é Santa Catharina que lh'os manda... Eu voltei a Auberin para os comprar, mas parece que não tinha esse direito, e levam-me para Langres...

— Santa mãe de Deus! exclamou a mulher, — Calada!...

Aproximaram-se da cama, sempre acompanhada pelo soldado, a bretá espalhou sobre os cobertores as bonecas, as arcas de Noé e o curruco, beijou o brago nu da criança adormecida e voltando-se para o guarda murmurou:

— Agora, podemos partir!...

Andre: THEORIE.

PANTUM

Quando passaste, ao declinar do dia,
Soava na altura indefinido arpejo;
Pallido, o sol do céu se despedia,
Enviando d terra o derradeiro beijo.

Soava na altura indefinido arpejo...
Cantava perto um passaro, em segredo;
E, enviando á terra o derradeiro beijo,
Esbatia-se a luz pelo arvoredo.

Cantava perto um passaro em segredo;
Cortavam fitas de ouro o firmamento...
Esbatia-se a luz pelo arvoredo;
Cahira a tarde; socegára o vento.

Cortavam fitas de ouro o firmamento...
Quedava immoto o coqueiral tranquillo...
Cahira a tarde. Socegára o vento.
Que magna derramada em tudo aquillo!

Quedava immoto o coqueiral tranquillo...
Pisando a areia, que a teus pés fallava,
(Que magna derramada em tudo aquillo!)
Vi lá em baixo o teu vulto que passava?

Pisando a areia, que a teus pés fallava,
Entre as ramadas flôridas seguiste.
Vi lá em baixo o teu vulto que passava...
Tão distrahida! — nem sequer me viste!

Entre as ramadas flôridas seguiste,
E eu tinha a vista do teu vulto cheia.
Tão distrahida! — nem sequer me viste!
E eu contava os teus passos sobre a areia.

Eu tinha a vista do teu vulto cheia.
E, quando te sumiste ao fim da estrada,
Eu contava os teus passos sobre a areia:
Vinha a noite a descer, muda e pausada...

E, quando te sumiste ao fim da estrada,
Othou-me do alto uma pequena estrella.
Vinha a noite a descer, muda e pausada,
E outras estrellas se accendiam n'ella.

Othou-me do alto uma pequena estrella,
Abrindo as aureas palpebras luzentes:
E outras estrellas se accendiam n'ella,
Como pequenas lampadas trementes.

Abrindo as aureas palpebras luzentes,
Clarearam a extensão dos largos campos;
Como pequenas lampadas trementes
Phosphoreavam na relva os pyrilampos.

Clarearam a extensão dos largos campos.
Vinha, entre nuvens, o luar nascendo...
Phosphoreavam na relva os pyrilampos...
E eu inda estava a tua imagem vendo.

Vinha, entre nuvens, o luar nascendo:
A terra toda em derredor dormia...
E eu inda estava a tua imagem vendo,
Quando passaste ao declinar do dia!

OLAVO BILAC.

CONTRA A INGLATERRA

Pirata d'unha comprida!
Velha mãe de rapinantes...
tu pediste a bolsa e a vida
d'heroica raça abatida,
d'onde brotaram gigantes.
Mas ella, se foi vencida...
Limpa ficou como d'antes.

Nossa bandeira inviolada
não a sujou teu carvão.
Milhafre d'unha afiada!
branca ficou nossa espada,
mas de preto o coração.
De ti não queremos mais nada!...
Nem roltas, nem algodão.

GOMES LEAL.



AS NOSSAS GRAVURAS

A prisão do Duque d'Orléans

EM FRANÇA, o grande acontecimento politico de todo o mez de fevereiro foi a prisão e o julgamento em policia correccional de S. A. o Duque d'Orléans, filho do conde de Paris, irmão de S. M. a sra. D. Amelia de Bragança, rainha de Portugal.

Ha annos que o parlamento francez votou uma lei, expulsando dos territorios da Republica todos os pretendentes ao throno de França, assim como os seus descendentes directos.

Foram pois expulsos, o Conde de Paris e seu filho o duque d'Orléans, representantes da Monarchia, e o principe Jeronymo Napoleão e seu filho o principe Victor, representantes do Imperio.

O duque d'Orléans completou ha pouco os seus vinte e um annos d'idade. E como a lei franceza impõe a todos os mancebos que completam vinte e um annos, ou se achem em França, ou fóra do territorio, de se apresentarem para o serviço militar, mesmo quando seus paes tenham sido expulsos por crimes politicos, — o joven duque d'Orléans intendeu do seu dever de Francez de vir a Paris, e apresentar-se ás autoridades para que o inscrevessem para o serviço militar.

O caso passou-se no dia 7 de fevereiro ultimo. O duque d'Orléans chegará a Paris, disfarçado, para não ser conhecido na fronteira. Vinha da Suissa, na companhia do duque de Luynes, em cujo palacio, situado, 51, rue de Varenne, se foi hospedar.

Apenas chegado a Paris foi á repartição do bairro apresentar-se para o serviço militar. Apenas declarou o seu nome, o empregado não querendo crer o que os seus ouvidos ouviam e os seus olhos estavam vendo, declarou-se incompetente.

E o duque d'Orléans começou a correr todas as repartições de Paris, fazendo em todas ellas a mesma declaração. Depois, voltou para o palacio do duque de Luynes, onde ficou esperando a resposta do ministerio da guerra, acerca do seu caso e do seu pedido para fazer parte do exercito francez, e fazer o serviço militar obrigatorio.

Minutos depois, o perfeito da policia de Paris, prevenido pelo sr. Ministro do interior, chegava ao palacio de Luynes, com ordem de prender o duque d'Orléans, e de o transportar á prefectura de policia.

A gravura da nossa primeira pagina representa a sala do duque de Luynes, onde o duque d'Orléans recebeu a visita do sr. Lozé, perfeito da policia. Vê-se ao centro o duque d'Orléans avançando para o perfeito, que lhe dá voz de prisão. A esquerda do duque, vê-se o seu companheiro e amigo, o joven duque de Luynes, que ha pouco tempo casou com a filha da duquesa de Uzès, e de cujo faustoso casamento fallou largamente o nosso collaborador Giess.

Outra gravura representa detalhadamente a sala do palacio de Luynes, onde foi preso o duque d'Orléans.

Mais abaixo o nosso desenhador mostra-nos a audiencia do 8.º tribunal correccional de Paris, onde compareceu o duque d'Orléans, pelo crime

de ter violado a lei da expulsão, e de ter ousado penetrar nos territorios da Republica franceza.

O tribunal, seguindo a letra da lei d'expulsão, não quiz attender ao dever do duque d'Orléans, como francez, de se apresentar para o serviço militar, e condemnou-o a dois annos de degredado.

Todos estes acontecimentos causaram grande sensação, não só em Paris, mas em toda a França. O duque d'Orléans é o assumpto de todas as conversas, e ninguém deixa de elogiar o seu procedimento, encontrando verdadeiras sympathias até nos grupos republicanos.

Em França admiram-se os actos de coragem. E ver este principe arrostar com tanta energia a prisão, bastou para alcançar uma grande popularidade.

Nada se sabe, — no momento em que escrevemos estas linhas — da resolução definitiva que tomará o governo francez acerca do duque d'Orléans, que continua preso.

Dizem uns que o Presidente da Republica o agaciará no dia 14 de julho; dizem outros que apesar dos desejos do sr. Carnot, alguns ministros, e especialmente o sr. Constans, insistem para que o duque d'Orléans faça os seus dois annos de cadeia.

O que é de facto é que, nem a graça nem a prisão, evitarão que o duque d'Orléans tenha conquistado em França immensa popularidade e innumerables sympathias, não só dos seus amigos e partidarios, mas até dos seus inimigos politicos.

Tambem offerecemos aos nossos leitores o ultimo retrato do duque d'Orléans. O irmão de S. M. a rainha de Portugal é um mancebo de vinte e um annos d'idade, immensamente sympathico e muito instruido.

É noivo de sua prima a princeza Margarida, filha do duque de Chartres, irmão do Conde de Paris.

O duque de Montpensier

O duque de Montpensier, avô de S. M. a rainha de Portugal, que falleceu ha pouco em Sevilha contava sessenta e seis annos d'idade. Era o mais novo dos filhos do rei de França Luiz Philippe. Nascera em 1814.

Fez os seus estudos em França, no lyceu Henrique IV e na Escola Polytechnica; e completou a sua educação militar nas expedições da Argelia, ao lado de seus irmãos, sendo ferido no combate de Biskra.

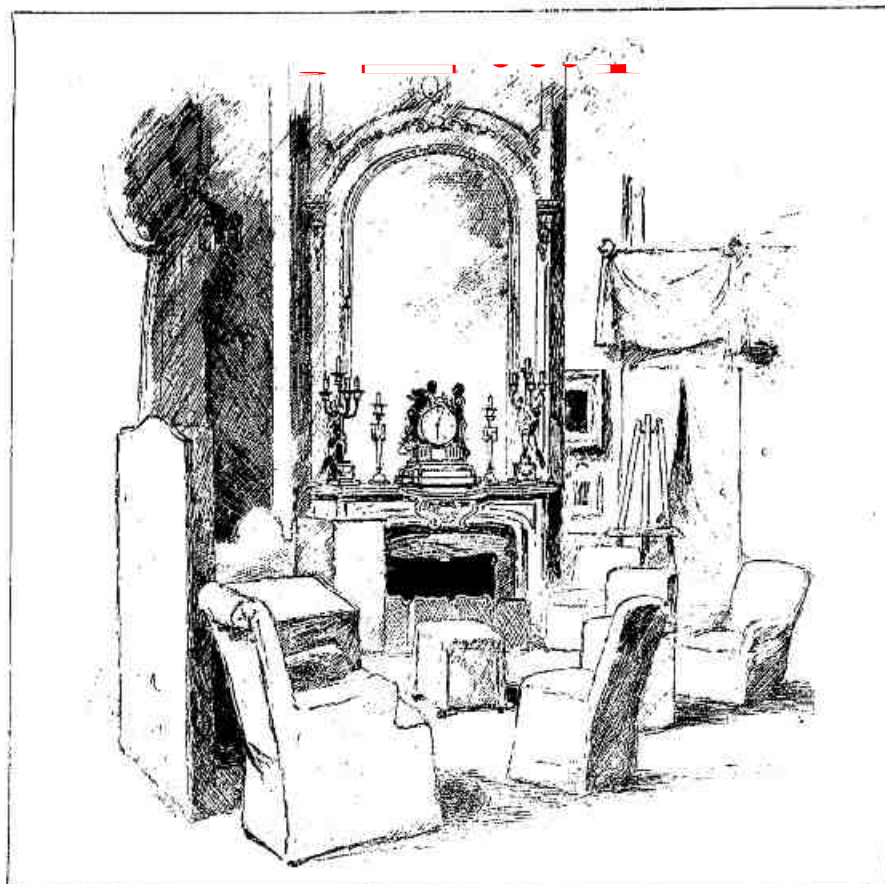
Em 1856 casou com a irmã de Dona Isabel II, rainha de Hespanha, — a infanta Dona Maria-Luiza-Fernanda de Bourbon.

Depois da revolução de 1848, o duque e a duquesa de Montpensier passaram a viver em Inglaterra e em Hespanha. O palacio de San Telmo, em Sevilha, era a sua principal residência.

Guardou sempre em Hespanha a maior reserva em assumptos politicos; por mais d'uma vez pensaram na sua candidatura ao throno de Hespanha, depois da queda de Isabel II. Mas o duque evitou quando poudes uma restauração em seu favor. Foi então que as côrtes aclamaram rei de Hespanha o Amadeu, duque de Aosta, irmão de S. M. a sra. D. Maria Pia.

Ultimamente fixará a sua residência no castello de San Lucar de Barrameda; foi alli que a morte o surpreendeu, no dia 5 de fevereiro ultimo. O seu corpo foi transportado para o convento do Escorial, pantheon dos reis de Hespanha, onde se lhe fizeram funeraes verdadeiramente regias.

O duque de Montpensier deixa dois filhos, a sra. Condessa de Paris, mãe de S. M. a rainha



O SALÃO DO PALÁCIO DE LUXEMBURG, ONDE FOI PRESO O DUQUE D'ORLÊANS.



PARIS. — O DUQUE D'ORLÊANS DEANTE DO TRIBUNAL CORRECCIONAL.



LUIZ-PHILIPPE-ROBERTO
DUQUE D'ORLÉANS.



ANTONIO-MARIA-PHILIPPE-LUIZ D'ORLÉANS
DUQUE DE MONTPENSIER.

de Portugal, e o infante D. Antonio que casou ha annos com a infanta Eulalia, irmã do rei don Alfonso XII.

Bellas-Artes. — As canções da Primavera

Quadro de Bouguereau.

Este quadro do illustre professor da Escola de Bellas-Artes de Paris, foi immensamente admirado na Exposição de Paris do anno findo, na secção da pintura franceza.

É uma pagina cheia de graça e de frescura, que vem hoje illustrar a nossa já vasta galeria artistica.

Todas as qualidades de delicadeza e de poesia que são o distinctivo de Bouguereau se encontram neste harmonioso grupo da rapariga sonhadora, *posta em socego*, como dizem os *Lusiadas*, e que dá ouvidos ás doces canções primaveris que se elevam por entre as brisas perfumadas, onde volitam dois amores.

Bem sabemos que a pintura, tal qual a comprehendemos, é todos os dias atacada e maltratada pelos *realistas* e *naturalistas*, impregnados de imprecisões mal traduzidas dos livros de Proudhon quando este defende Courbet, e dos livros de Zola quando este defende Manet.

Mas não foi Zola quem disse que a « Arte é a natureza vista através d'um temperamento? » Se assim é, porque não hão de permitir a Bouguereau que veja a natureza através do seu temperamento de *idealista* e de *poeta*?

Os inimigos de Bouguereau poderão dizer do illustre professor da Escola de Bellas-Artes de Paris, todos os horrores que lhes virem aos bicos de penna.

O que ninguém pôde negar, é que Bouguereau, assim como Cabanel e Boulanger, com a sua intransigencia academica contribuíram muitissimo para que a escola franceza não cahisse na anarquia em que a tem querido lançar varios revolucionarios da pintura.

A pagina que hoje reproduzimos pela gravura é uma pagina admiravel. E se pertence a um genero ou a uma escola, que parece não estar na moda das novas gerações, nem por isso deixa de revelar altas qualidades de desenho, de composição e de estilo.

Oxalá todos os revolucionarios soubessem da sua arte, como sabe Bouguereau, — como sabiam Boulanger e Cabanel.

Theatros de Paris. — Os leões do Circo

Estamos assistindo dia a dia ás coisas mais extraordinarias, no que diz respeito á intelligencia e á obediencia dos animaes.

Ha dois annos um famoso domador apresentava em Paris uma *troupe* de elephantes, fazendo equilibrios, tocando realejo, tocando cornetim, andando de velocipede e atirando ao alvo.

Este anno temos a *troupe* dos leões no novo Circo de Paris, — leões em liberdade, sem gaiola para os separar do publico, e trabalhando em alta escola, como se fossem cavallos.

Tudo se civilisa, — até a ferocidade dos leões! Quem diria que se haviam de deixar leões á solta, fazendo exercicios e habilidades diante dos espectadores, ao pé dos espectaculos, como se fossem animaes domesticos!

Eis o spectaculo novo e deveras impressionador, que os Parisienses hoje admiram no lindo Novo Circo da rua Saint-Honoré.

Pedimos ao nosso collaborador Reichen uma pagina acerca dos exercicios dos leões domesticados. Os nossos leitores verão com curiosidade os elegantes desenhos do distinctissimo artista.

Os leões veem para a arena acompanhados por um cão, um bello *danos*. O domador, Mr. Darling, um americano, vem armado com um simples chicote, de que nunca se serve.

Quando os leões entram no circo ha um certo sobresalto em todo o publico. Saltará algum d'elles as bandeiras?... Mas immediatamente o receio se dissipa, e os exercicios leoninos são cobertos de estridulos applausos, que deixam indifferentes os reis do deserto!

Os mezes illustrados. — Março.

São as ultimas chuvas que serviram de assumpto para a composição do nosso collaborador Habert-Dys.

As ultimas chuvas de Março surpreendem um gato que de cima d'um telhado gosava das primeiras delicias da primavera...

Chuva e granizo sacodem o radio amoroso do sol, e elle o furioso, galgando por cima d'um telhado d'ardosia, em busca do primeiro abrigo.

Tal é o pittoresco quadro de Março que nos offerece o nosso distincto collaborador.

DONA MORTE

Deu na tonta de entrar na minha escada á Dona Morte um dia.

A pobre anda estafada do continuo ceifar desde que ao nada por divinas processões da alchimia a terra foi roubada.

Da comprida quexola desdentada esta sentida nenia lhe saía:

— Senhor! forte estopada! Sem poisar a caveira o mundo corro.

Em toda a parte estou. A toda a hora prostro alguém a meus pés, e geme, e chora por minha culpa alguém! Nenhuma aurora de luz nenhuma o jorro,

as orbitas vazias me alumia!... Nunca uma esperança! nunca uma alegria! A' dôr alheia pondo um suave termo só a minha o não tem!... Só eu não morio enquanto o mundo não tornar um ermo!... A' obra! A' obra!

E lepida subindo treou a campainha: Um lugubre tocer que dava medo; que não mais deixarei de estar ouvindo, e fez com que eu então, muito em segredo, rezasse a ladainha.

Era um simples aviso, pois que a porta por si se escancarou e deu entrada áquella feia ossada de vermes revestida, e negra, e torta, de mim ha longo tempo enanorada.

— Senhora Morte, viva! — disse ao vel-a, fingindo animo forte; mas cá por dentro, como a sensitiva n'haste as folhas retráe que lh'as não corte quem d'ella se aproxima e levemente a mão lhe pôe por cima, cá por dentro a minh'alma, em pasmo estranho por ver-se em tão cruel extremidade, foi-se encolhendo, até ser do tamanho d'um réles feijão frade!

— Desculpe a impertinencia — continuei. — Como é que usas trat-a? Por tu? Por *Excellencia*, como é hoje tratada toda a gente? — « A mim é-me indifferente. » Não faz ninguém de tal miseria gala no reino onde eu impero. »

Esta resposta me deu a Dona Morte, e junto ao leito, onde eu espreguiçava a mandrieira, chegou; puxou cadeira; sentou-se gravemente, sobreposta uma rótula n'outra.

Com effeito mau é vel-a!... peor á cabeceira! E pôz-me a fria mão aqui no peito. « Que bons pulmões tens tu! e como pulsa na tua idade o coração ainda pelas paixões mundanas agitado! » — Então... — volvi com voz menos convulsa — Ainda tenho a viver um bom bocado? — « Conforme. Tudo finda » quando me apraz e breve. »

— Se ao teu lado para afastar-te eu não chamar a Sciencia. — « Dou-te um doce que a chames! Cae tu n'essa! » descobriste a maneira, tem paciencia, — de eu carregar contigo mais depressa. » — Banal! Banal! Cuidei que era outra coisa — rosnei com meus botões. — Um vende bolas, um palurdo qualquer vindo de Loiza, da Lourinhã, do inferno, esta sandice ancho diria qual a Morte a disse.

Ella no entanto, um pé bamboaleando, co'as phalanges dos dedos descarnados, batendo sobre a tibia, ia soltando uns sons de custanholas, com que sóe convocar gatos pingados ás grandes, funerarias cabriolas.

Após pequena pausa de subito se ergueu.

« Não ha remedio! » Deixar-te vou por causa d'uns ganchitos que tenho aqui no predio. « O conego não dorme ha tres semanas. » Rouba-lhe o ar a suffocante angina que o peito dilacera. « Tem esgotado as provações humanas. » Na longa vida santamente austera fez jus, coitado! á compaixão divina. « Melhor que o da morphina, » premio á virtude, um somno lhe preparo brando, quicito, sereno, como um lago. « Apanha o padre agora! e apanha, é claro, » quem lhe abichar na Sé o logar vago. « O conego aviado, tenho uns planos » de ir tocar no ferrolho ao conselheiro. « Quero abater-lhe a prôa!... Setenta annos » e sobe inda lampeiro! « outros tantos degraus!... Então corado! » redondo!... Uma cereja... « E como se espanja » quando vae pela rua engravatado, » para as moças olhando ás furtadelas » como quem diz: *Assim quizessem ellas!* » Chucha um piscio ao janitor; um piscio á ceia. « Por não dormir de tarde » nem trazer nunca a barriguiña cheia » considera-se livre do meu jugo » e d'isso faz alarde! « Pois tu vaes ver, fradinho de sabugo! » Travou da arqueada foice; disse-me: — « Adeus! Eu volto. Eu volto. Espera » virou a espinha, e foi-se.

Sim, que te esperes! Aqui te aguardo, ó fera!

Mal passado um minuto, instantes, penso, portas a abrir-se, gente que subia resmoncando latim, e cheiro a incenso, o *opoponax* da velha liturgia.

Desci. Curvei-me. Bemaventurado aquelle que tem fé! Como um soldado, firme em seu posto o conego morria.

Volto a casa. Corri logo á janella. Nos amplos ceus azues esmorecia a luz d'um sol d'abril. Do floreo seio perfumes exhalava a Primavera fallando-me por modo que a entendia. Quanto distava, quão diversa que era Da outra scena aquella! Então clamei: *Em ti, meu Deus, eu creio!*

A ILUSTRAÇÃO



AS CANÇÕES DA PRIMAVERA

Quadro de Boguevetsu.

Um mez depois alguém contar-me veio :
— Lá puxou o visinho aqui do lado!
Hontem, depois do chá e o rol escripto,
saiu da meza, deu-lhe uma tontura,
rodopiou, caiu na sepultura,
co'a paz na consciência e o patito
no canto inda da bocca! —

No outro dia
foi se o bom conselheiro, encaixotado,
direito ao cemiterio.
Na turba que o seguia
havia quem dissesse : *Um homem sério!*
E tudo era acabado.

×
Chega-me agora a vez. Prompto! Presente!
Prompto sou a marchar!... mas descontente.
Não que eu tema morrer. Quem morre inteiro?
Aquillo que me assusta, o que me aterra
é somente a lembrança de que a terra,
tal qual se semeasse fava ou trigo,
o bruto do coveiro
cantarolando, atirará commigo!

Eu, que respiro ao sol da liberdade,
fechado n'um segredo humido, immenso,
frio, escuro, por toda a eternidade!
Preso... amarrado ali! Meu nome inscripto
n'um livro negro, em folhas côr d'icricia,
como se inscreve em notas de policia
o nome do gatuno a quem o apito

tranquillo não deixou bifar um lenço!
Numerado inda em cima! numerado
como um grilhete!... O cento e trinta e cinco,
de cestos de cal virgem carregado
p'ra todo o sempre n'um caixão de zinco!...

×
Não estou pelos autos. Não!... Protesto.
Quando a morte vier por este resto
d'homem... de coisa... nem eu sei ao certo
isso que fui, que sou, para o que presto;
quando ella pois vier, e virá cedo...
e vem... que a sinto perto,
ordeno que me estendam n'um peneiro
da minha amada Cintra. Redivivo,
à luz serena e pura
dos puros ceus, o misero captivo
reabrira seus olhos porventura!
Inda lá teu amor, tua belleza,
a força me darão, tres estrellinhas,
para affrontar a cidade, a natureza
e triumphar do Eterno!

Com certeza
que nem sequer, leitor, tu adivinhas,
nem eu jámais direi de quem se trata.
Bem o desejas tu, lingua de prata!
Era um maná!

×
O' sombra que fugiste,
que sem cessar procuro em toda a parte
e não encontro nunca,
porque é que tu não voltas, e d'est'arte
de saudades a Dôr, teimosa, nunca
o meu caminho triste?!
Agora ao menos, anjo expatriado,
em que eu por ti resumo
n'uma lagrima só as que hei chorado
dês que te dei minh'alma até est'hora,
porque é que tu não vens mostrar-me o rumo
do ninho teu d'out'ora?!
Vem! e guia-me tu n'este momento
à doce paz do suspirado porto!
Foste na vida o meu maior tormento...
Ai! Sê na morte o meu maior conforto!

FRANCISCO PALHA.

TSARINE PÓ DE ARROZ RUSSO

Adiantado, Economico, Invalido
PREPARADO POR VIOLETT
20, Boulevard de l'Europe, PARIS

DICIONARIO DA AMIZADE

DEDICADO AOS HOMENS NOVOS

O QUE é um amigo?
Um amigo é uma creatura que tem todas as pertences e todos os defeitos da mulher, sem possuir uma só das boas qualidades que a distinguem.

Não obstante isso, para ser justo e não desgostar ninguém da amizade, devo acrescentar que encontro bastantes pessoas por esse mundo que me apertam a mão. Viu-se muito no paiz da amizade, sem plano estabelecido, e demorando-me um pouco onde me pareceu. O paiz não me deixou as mais gratas recordações, devo confessar-lhe, mas como lhe conheço bem todas as veredas e encruzilhadas, sou um excellente guia de viajantes. A'vante, pois, meus jovens companheiros!

O primeiro que encontramos é :

O amigo tolo — Esta classe é a mais procurada. Os homens de talento tem uma predilecção pronunciadissima pelos tolos. Adolpho Adam gostava de gatos, Decamps adorava os macacos, Mozart idolatrava os papagaios; mas um homem de talento em geral tem o cuidado de apegar-se, á falta de gato, mono ou papagaio, a um homem tolo, a quem chama seu amigo.

O amigo idiota não é incomodado nas suas relações. A sua principal qualidade boa é de provar-nos a toda a hora, e mau grado nosso, que temos mais talento do que elle, o que nos lisonjeia o amor proprio. Em qualquer posição da vida que um homem esteja collocado, encontra sempre um amigo d'esta classe.

Um semelhante sujeito agarra-se a nós com a facilidade de um cão; serve-nos de moço de rocadão, para nos levar as cartas; carrega com as culpas de todos os enganões em que porventura cahimos; livra-nos das pessoas que nos enfadão; podemos, em summa, fazer d'elle quanto quizermos, excepto um amigo, porque não nos comprehenderá quando lhes fallarmos dos pensamentos elevados que nos agitam, e que estão fóra do alcance da sua intelligencia. Mudemos de direcção. Encontraremos :

O amigo protector. — Este simulará interessar-se por nós. A' vezes, quando está aborrecido e não sabe o que ha de fazer, se por acaso nos encontra na rua, dá-nos o braço para que acompanhemos, e jura-nos que o seu unico desejo é ser-nos util em alguma coisa. Evidentemente, dir-me-hão talvez, eis ahí está um verdadeiro amigo. Pode ser. O amigo protector não tardará em fazer-nos alguns insignificantes favores. Em compensação seremos para elle o que o amigo tolo é para o homem de talento: o seu creado e o seu cão. Disporá do nosso tempo, como e quando lhe apeteecer. Em fim, por um pequeno favor que nos fez, exigir-nos-ha sem muito mais importantes, e como é o nosso protector teremos todo o cuidado em não lh'os recusar. Do amigo protector dista apenas um passo :

O amigo desinteressado. — Peço licença para substituir a analyse por uma anedocta.

Um excellente rapaz a quem chamaremos Eduardo, possuía a mais formosa collecção de armas que tenho conhecido. Além d'isso tinha um amigo. Este amigo era medico. Um dia, Eduardo cahiu doente. O amigo tractou-o e, oh! milagre! Eduardo ficou bom. Quando fallou em pagar os cuidados que lhe tinham sido prodigalizados, o amigo medico recusou com indignação.

— Meu caro, não insulte a amizade offerecendo-me dinheiro.

— Pois, bem não fallamos mais n'isso.

Chegou o dia de Anno Bom.

— Vou fazer uma surpresa áquelle excellente doutor, pensou Eduardo.

E tirando de um tropheo, uma espada magnifica, mandou-a, com um bilhete ao medico. D'alli a quinze dias, ao passar ao pé d'um bazar de armas encontrou o amigo.

— O doutor por aqui?

— Eu em pessoa.

— O que o trouxe cá?

— Ando á procura d'uma espada que sirva de companheira á que me offereceu no dia de Anno Bom.

— Oh? Não ha-de encontrar-a facilmente.

— Receeio isso.

No dia seguinte, Eduardo dependurou do tropheo outra espada, não menos esplendida que a primeira, e mandou-a ao medico.

Querem agora saber o desenlace da historia? Ao cabo de um anno Eduardo, reconhecido ao amigo, não tinha uma unica arma, e o medico estava de posse de uma riquissima collecção.

Um doente ordinario teria pago as quatorze visitas ao medico a razão de cinco francos cada uma, ou sejam setenta francos por todas. A collecção de Eduardo valia uns oito ou dez mil francos. Em resumo, se o leitor adoececer, não mande chamar amigos. Nada custa tão caro como uma consulta de graça.

O amigo orgulhoso. — Este tracta-nos perfeitamente. Nunca temos razão de queixa contra elle. Recibe-nos como a um irmão; offerece-nos os seus melhores charutos, e apresenta-nos aos seus melhores amigos. Porém...

— Ah! Temos um porém?

— Porém, faz tudo isto por vaidade. Exhibe-nos, sem que se dê por semelhante coisa, como se exhibe um vitello de duas cabeças, e dirá a quem lhe der ouvidos:

— Sou tão amigo d'este rapaz! E' me tão dedicado, que posso fazer d'elle tudo o que quizer... Como é agradável inspirar uma sympathia assim!

Passemos ao

Amigos dos nossos paes. — A culpa dos paes recabem sobre os filhos.

— Em amizade?

— Em amizade, principalmente.

O pae do leitor teve um amigo que o conheceu pequenito; faz-se seu amigo e aproveita esta posição para tractar-o toda a vida como a um fedelho.

Aquelle homem viu-o tão pequenino, nunca o olhara de outro modo. Chamar-lhe-ha seu *joven amigo*, e quererá impôr-lhe a sua pretendida experiencia, que é apenas um juizo de um velho que ha meio seculo se esqueceu dos vinte annos. Obriga-lhe a andar com camisola de flanela, a tomar mesinhices, e talvez a casar.

Não se deve recusar cousa alguma a um antigo amigo de familia. Depois de ter massado o pae, reclama o direito de massar tambem o filho.

O amigo disfructador. — Todos os amigos são disfructadores. Quando por acaso um amigo disfructa outro, é porque ambos se disfructam mutuamente.

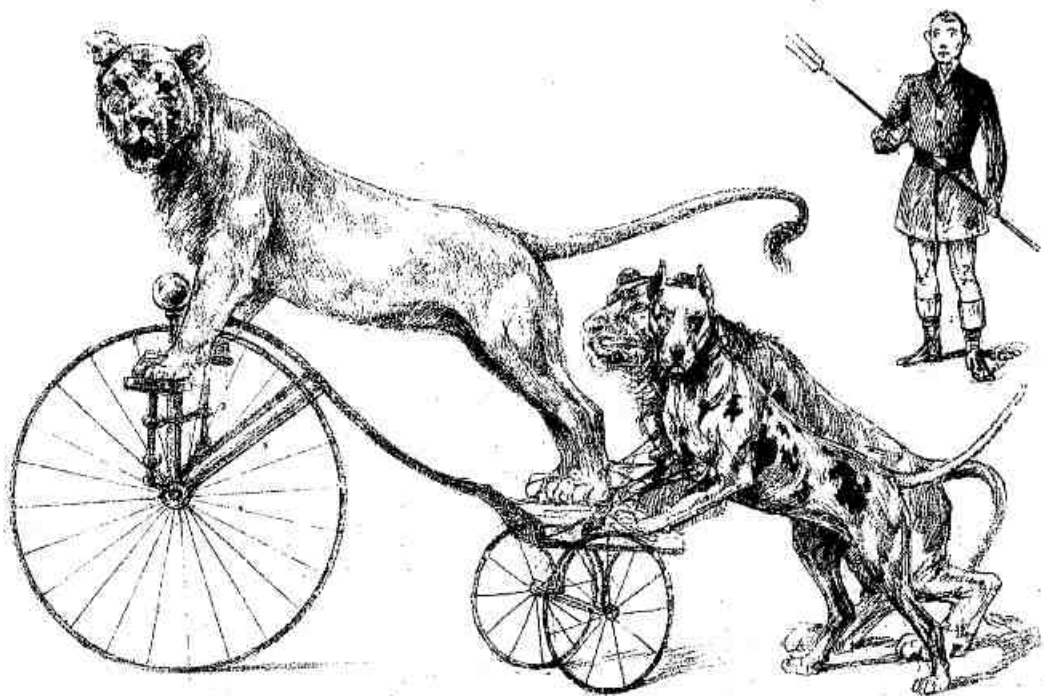
O amigo franco. — Este senhor nunca descobre uma coisa agradável para nos dizer. Sob o pretexto de franqueza, insulta-nos. Demonstra-nos que somos tolos, que não temos coracção; enfim, faz-nos comprehender que não passamos de uns *ninguens*, sem que nos assista o direito de lhe pedir contas dos seus insultos, porque é nosso amigo.

— Mas, dir-me-ha alguém, não acredita na amizade sincera e leal? Lá isso acredito, visto não ter motivo de duvidar da sua existencia; mas até hoje ainda a não encontrei.



OS MEZES ILUSTRADOS. — MARÇO.

(Composição de Haber-Dyes).



THEATROS DE PARIS. — OS LÖES DO NOVO CIRCO.

Exame final — Compreendeu as minhas theorias, mancebo?

— Perfeitamente.

— Quer que continue a pratica a respeito da amizade?

— Não, basta.

— Responda-me então. O que vem a ser um amigo?

— Amigo é um homem que nos faz presar os nossos inimigos.

— Não foi mal respondido. Diga-me agora uma coisa: vac cultivar a amizade?

— Certamente.

— Visto isso, préguet no deserto?

— Ora essa! Porque uma borboleta se queimou na luz, não se deve dizer que as mais façam outro tanto. Comtudo...

— O que?

— No dia em que eu veja a necessidade de

ter amizade a alguém, em vez de um homem, buscarei... uma mulher.

— E' isso mesmo. Compreendeu-me.

ALBERTO WOLFF.

As doenças do estomago, digestões difficeis, são curadas em poucos dias com o **ELIXIR GREZ**, anti-digestivo recetado por todos os medicos dos hospitais.

PARIS

30, RUE MONTMOLON, 30

GRAND HOTEL DU BRESEL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Opera, das principaes estações de estradas de ferro, dos hospitais e das casas commereias brasileiras e portuguezas. Este hotel é dirigido pelo proprietario e sua familia. E o mais concorrido a preferido pelos viajantes brasileiros e portuguezos, em razão da modicidade dos preços e das commodidades que offerece.

SUSPENSÓRIOS MILLERET, elasticos e sem passadeiras. *Le Gonidec*, 49, r. J.-J.-Rousseau, Paris.

O BOSQUE DE BOLONHA

CHARLES Darwin, inquirido de uma vez sobre qual era o mais bello espectáculo da natureza que em suas viagens tinha visto, respondeu que o da cordilheira dos Andes. Horas depois, reflectindo a sós na opinião que levianamente enunciara, saltou da cama onde estava recolhido, e escreveu ao amigo que o interrogára, estabelecendo a verdade relativamente á natureza das suas impressões estheticas. O mais bello espectáculo que elle, Darwin, tinha até esse dia visto, não era o dos Andes, era o da floresta virgem no Brazil. Eu vi os Andes, vi a floresta virgem, e não quero aventurar uma opinião irreffectida, que

QUE HEIDE FAZER?

Tenho a dentadura estragada; porém que heide eu fazer?

Meus paes tinham perdido metade dos dentes aos trinta annos e nada poderia evitar os effeitos d'esta enfermidade hereditaria; a maior parte das vezes, porém não deixa de ser uma preocupação absolutamente falsa julgar que com o tratamento dentifício se não pode obter algum beneficio.

Usam desde já e regularmente todas as mães do *Elixir dentifício dos R. P. P. Benedictinos da Abbadia de Souillac*, e verão immediatamente sob o influxo d'este dentifício sem daval que as gengivas recobram o seu colorido e solidez, primeiro symptoma d'uma melhora notavel na vitalidade dentaria.

Agente geral:

A. Seguin, Bordeaux.

Preço de venda em França, *Elixir*: 2, 4, 6, 8, e 20 francos.

Preço de venda em França, *Pasta*: 1, 25 e 2 francos.

Preço de venda em França *Pasta*: 1, 25 e 2 francos.

Encontra-se em todos os perfumistas, Cabelleiros, pharmaceuticos, Droguistas, Retrozeiros, etc.

ESPARTILHOS

LÉOTY

adaptados pelo

high-life

parisiense.

8, P. de la Madeleine

PARIS



COMPAGNIE FRANÇAISE DE PHOTOGRAPHIE
PARIS. — 7, rue Solferino. — PARIS

O PHOTOSPHERE

Appareil instantané, brevete S. G. D. G. Este aparelho

d'uma forma muito elegante, d'uma construção muito cuidada e d'um movimento absolutamente automatico, permite á pessoa a menos experimentada em Photographia de obter provas que necessitam até hoje de cuidados muito minuciosos e muito complexos, e de experiencia absoluta do especialista. Permite fixar de relance e d'um modo duradouro as scenas de que se é testemunha, que talvez nunca mais se presenciem, e de que se poderá assim conservar uma recordação fiel e inalteravel. Todo construido em metal, prateado e oxydado, o peso d'este aparelho é de 330 grammas, chassis comprehendidos. A sua maior dimensão é de 12 centimetros, e dá com a maior nitidez provas de 8 centimetros sobre 9. — Pode-se pois dizer que é um verdadeiro *bijou*, destinado a tornar-se, entre os viajantes e os amadores, o tipo por excellencia do aparelho photographico.

Preço do aparelho com tres chassis duplos 115 francos.

Mira (visuel) 8 francos. — Estojo de couro preto para o trazer a tiracolo 12 francos.

Cada chassis suplementar 10 francos; A duzia de placas 8 x 9. 1 franco

75 centimos.

Cameras escuras metallicas brevetees em França e no estrangeiro de formato 3 x 18 0 18 x 24.

Fornecimentos geraes para photographia. Expedição gratuita de provas obtidas com o Photosphere.

PILULAS de PEPSINA

DE **HOGG**
Pharmaceutico em PARIS
2, rue de Castiglione

1ª PILULAS NUTRITIVAS

de Pepsina acidificada contra as affecções gastricas, dispepticas, etc., e nos casos em que a digestão é difficil ou impossivel. — 5 Fr. o frasco de 100 pilulas, 3 Fr. o meio frasco.

Dose: 2 pilulas tres a outras vezes das refeições.

2ª PILULAS de Pepsina e de Ferro

reduzido pelo hydrogeneo contra as molestias chronicas e as affecções que dependem da perda de bruno, de res palidas, menstruações difficil, e para fertilizar os temperamentos debilitados. — 4 Fr. o frasco, 2 Fr. 50 o meio frasco.

Dose: de 2 a 4 pilulas por dia pelo manhã e a noite.

3ª PILULAS de Pepsina e Iodo

reto de Ferro contra as molestias escrofulosas, lymphaticas e syphiliticas, e pthisicas, a cachexia chlorotica e as affecções atonicas gerais da economia. — 4 Fr. o frasco, 2 Fr. 50 o meio frasco.

Dose: 2 a 4 pilulas por dia pelo manhã e a noite.

Essas tres sortes de pilulas são prescriptas diariamente pelas mais committidas medicas.

DEPOSITO nas principaes PHARMACIAS do BRASIL.

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D^r FRANK

Agente: Dr. Amador, Purgativo, Depurativo, Cura a Febre de Agitação, Doença de ventre, Enxaqueca, Vertigem, Compressão, etc. Para a cura da Febre de Agitação, 1 a 2 grãos de cada uma das 3 pilulas. Exigir as CALVINHAS AZUES com o selo do D^r FRANK e o selo da União das FARMACIAS. Paris, 11, rue de la Harpe e 11, rue de la Harpe.

ASTHMA E CATARRHO
Curados **CIGARROS ESPIC** Em França COM OS **CIGARROS ESPIC** 25.4 CIGARROS
Opresões, Toscos, Constipações, Nervalgias
Em todas as Pharmacias de Portugal e do Brazil. — PARIS, Venda por grosso, J. BOUTE, 11, rue St-Lazare, 50. Exigir esta assinatura sobre cada Cigarro

Casa de Vertus Sœurs
Espartilhos
PARIS * 12, Rue Auber, 12 * PARIS

Esta casa, a primeira de Paris pelo seu bom gosto e elegancia recommenda-se pela forma especial dos seus espartilhos aperfeiçoados para a moda actual.

Basta enviar as medidas exactas para receber d'esta casa um espartilho em perfeita harmonia com as formas da pessoa a quem é destinado.

BELLEZA DO ROSTO
— LARY ANTHEPHELICO —
O LEITE ANTHEPHELICO
puro ou misturado com agua, dissipa
SARDAS, TIZ, CRESTADA
PINTAS-RUBRAS, BORBULHAS
ROSTO-SARABULENTO
E FARIACAO
RUGAS
torna e conserva a cutis liza e clara.
CLANES & C^o Paris

Fallencia de Forças
ANEMIA — CHLOROSE
O FERRO BRAVAIS
Segundo as experiecias de mais de 100 annos, este ferro tem uma acção benéfica sobre a Respiração, sobre o Chlorella, sobre o Pothé, e de modo mais geral sobre a vida animal de todo o corpo humano. Recomenda-se especialmente para a cura da anemia e da chlorose, e para a cura da debilidade geral. Exigir o ferro BRAVAIS, e não o ferro comum. FARMACIA DO FERRO BRAVAIS, 11, rue de la Harpe, Paris.

EXPOSITION UNIV^{rs} 1878
Médaille d'Or Croix de Chevalier
LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

OLEO DE QUINA
E. COUDRAY
ESPECIALMENTE PREPARADO PARA A FORTIFICAÇÃO DO CAPELLA
Recomendamos este producto, considerado pelas autoridades medicas, pelos seus principios de quina, como mais poderoso regenerador que se conhece.

ARTIGOS RECOMMENDADOS
PERFUMARIA DE LACTINEA
Recomendamos pelas autoridades medicas.
GOTAS CONCENTRADAS para o corpo.
AGUA DIVINA dita agua de saude.

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA
PARIS 13, rue d'Engliem, 13 PARIS
Depositos em todas as Pharmacias, Pharmacias e Cabelleiros de America.

LES DEPILATOIRES DUSSEY

PASTA EPILATORIA para o rosto. --- PELIVORA para os braços

PERFUMARIA DUSSEY, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau, em frente do Louvre



A PASTA EPILATORIA DUSSEY

Destivo indubitavelmente as Penas das Desagradáveis (Chato, Rígido, etc.), dos rostos das Senhoras, sem nenhum inconveniente para a pele mais delicada. 50 ANOS DE USO. ELENCO DE RECOMPENSAS
nas Exposições, Privilegiado por concessão de muitas Famílias reinantes, Milhares de attestados, e a aprovação do eminente Notabilidades do Corpo Médico, garantem a efficacia e o sucesso
temperatura (Pasta preparada) Vendem em caixas para o rosto, e meios caixas para um pequeno rosto. O PELIVORA se usa para os braços, nos quaes a cor da pele deslumbraante aigura.
DUSSEY, 1, Rue Jean-Jacques-Rousseau, PARIS; Rua Lisboa 700, RIO DE JANEIRO, BRASIL.

Em todos os Perfumistas e Cabelleiros
de França e do Estrangeiro

VELOUTINE
Fó d'Arroz
especial
PREPARADO COM BISMUTHO
Por CH^{re} FAY, Perfumista
8, rue de la Paix, PARIS

FERRO QUEVENNE Unico aprovado pela Academia
de Medicina de Paris.
Cura Anemia, Febre, do Sangue, Perdas, Dores no Estomago. — LO unico de successo.
Engra-se cada frasco de Ferro Quevenne o selo de "UNION DES FABRICANTS". 18, r. D'Artois, Paris.

DOENÇAS do ESTOMAGO
Dyspepsia
do Appetito
ELIXIR GREZ
TONICO-DIGESTIVO com QUINA, COCA e PEPSINA
ADOVADO EM TODOS OS HOSPITAIS — Medalhas de Ouro e Diplomas de Honra
PARIS — GREZ, 2, rue La Bruyère, e em todas as Pharmacias

SULFURINE — DO BANHO — SEM — CHEIRO
SULFUREO

O banho de Sulfureo possui exacto as
propriedades do banho sulfureo ordinario,
chamado Bañeres, com a vantagem de não
ser cheiro, e que, não alterando nem a
roupa nem as pinturas, pode ser tomado
em casa e em todas as especies de banheiras.
A sua acção estimulante, tónica e recon-
stituinte, as suas boas propriedades notaveis
no tratamento da anemia, do RHEUMATISMO,
da GOTA e das AFFECTAÇÕES CUTANEAES, o
banho de Sulfurine humo a de adoptar a
pulsa e de lhe communicar uma grande al-
vura ao mesmo tempo que uma docilidade
extrema. Em todas as farmacias.

TIROU — 43, Rue de la Perle, PARIS

VINHO de CHASSAIGNO

Prescripto por mais de 30 annos
Contra as Affecções das Vias Digestivas
PARIS, 6, Avenue Victoria, 6, PARIS
e em todas as PRINCIPAES PHARMACIAS

VINHO de MILLET

Chalybê Balsamico.

Tonico superior d'uma efficacia certa
na Anemia, Chlores, Prostração, impo-
tencia, Febras, Bronchite chronica,
Doenças mentaes e nervosas.
PREÇO 3 FRANCOs. O FRASCO
Remessa para o estrangeiro 2 fr. por 7 fr.
DEPOSITO:
41, Rue des Francs-Bourgeois, Paris

A LA ROSE DU PARADIS
10 medallas
na Exposição
de 1889
OGER
Criação
Legitima
CASA FUNDADA EM 1804
Perfumaria Medica
INVENÇÃO NOVA
Extrato, Agua, Do, Sabonete, Oleo
Sachet, Brillantina Medica.
6, Rue de Strasbourg, PARIS, Fabrique Vanves (Seine)

BISMUTHO ALBUMINOSO BOILE contra
dysenteria, diarrheas, gastralgias, acidos. **GRAOS** de BROMHYDRATO de QUININA BOILE contra nevralgias,
febras, exanthemas. — 6, Rue de la Paix, 6, PARIS, e 79, R.

